

A NATUREZA ENCANTADA DO POVO TREMEMBÉ: ESPIRITUALIDADE COM O CORPO-TERRA

Gisane Monteiro de Andrade ¹; Virgínia Célia Cavalcante de Holanda²;

1. Bolsista CNPQ, Doutoranda (PROPGEO), Universidade Estadual Vale do Acaraú,
gisane.andrade@edu.sobral.ce.gov.br
2. Orientadora, Docente (PROPGEO), Universidade Estadual Vale do Acaraú,
virginia_holanda@uvanet.br

Resumo

O presente trabalho objetiva discutir a relação espiritual do povo Tremembé (Itarema/Almofala/CE) com a natureza, buscando relacionar sua luta pela terra ancestral, compreendendo como seu território traduz suas práticas ancestrais. Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica e documental para discussão teórica sobre colonialidade da natureza (WALSH, 2012), corpo-terra (HAESBERT, 2020) e encantados (SANTOS, 2014), os quais nos permitem compreender que os elementos da natureza são traduzidos pelo povo Tremembé como partes do grande corpo da terra em conexão com o homem, parte desse corpo, com quem espiritualmente formam um elo indissolúvel. A terra para o Tremembé é sua base de sustentação e elo com o mundo espiritual. Sua terra é seu território. A natureza, conexão com o sagrado. Nesse sentido, a relação de propriedade onde a natureza é vista como recurso é substituída por corpo-terra, como uma forma de resistência ao sistema colonial opressor. Na visão corpo-território, o povo Tremembé tem conexão espiritual com a natureza, na qual os encantados são seus protetores e forças que materializam sua resistência ao longo dos séculos.

Palavras-chave: Natureza. Corpo-terra. Colonialismo da natureza. Encantados. Torém.

THE ENCHANTED NATURE OF THE TREMEMBÉ PEOPLE: SPIRITUALITY WITH THE EARTH-BODY

Abstract

This paper aims to discuss the Tremembé people's (Itarema/Almofala/CE) spiritual relationship with nature, seeking to relate their struggle for ancestral land while understanding how their territory reflects their ancestral practices. The methodological procedures were initially based on bibliographic and documentary research for a theoretical discussion on the coloniality of nature (WALSH, 2012), body-land (HAESBAERT, 2020), and encantados [enchanted beings] (SANTOS, 2014), which enable us to understand that nature's elements are interpreted by the Tremembé people as parts of the earth's great body in connection with humanity—a part of this body with whom they spiritually form an inseparable bond. For the Tremembé, the land is their sustenance base and link to the spiritual world. Their land is their territory. Nature is a connection with the sacred. In this sense, the ownership relationship, in which nature is viewed as a resource, is replaced by body-land as a form of resistance against the oppressive colonial system. In this relationship, the Tremembé people have a spiritual connection with nature, in which the encantados are their protectors and forces that materialize their resistance over centuries.

Keywords: Nature. Body-land. Coloniality of nature. Encantados. Torém.

LA NATURALEZA ENCANTADA DEL PUEBLO TREMEMBÉ: ESPIRITUALIDAD CON EL CUERPO-TIERRA

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo discutir la relación espiritual del pueblo Tremembé (Itarema/Almofala/CE) con la naturaleza, buscando relacionar su lucha por la tierra ancestral, comprendiendo cómo su territorio traduce sus prácticas ancestrales. Los procedimientos metodológicos utilizados tuvieron como base inicial la búsqueda bibliográfica y documental para la discusión teórica sobre la colonialidad de la naturaleza (WALSH, 2012), el cuerpo-tierra (HAESBAERT, 2020) y los encantados (SANTOS, 2014), los cuales nos permiten comprender que los elementos de la naturaleza son traducidos por el pueblo Tremembé como partes del gran cuerpo de la tierra en conexión con el hombre, parte de ese cuerpo, con quien espiritualmente forman un vínculo indisoluble. La tierra,

para los Tremembé, es su base de sustentación y su vínculo con el mundo espiritual. Su tierra es su territorio. La naturaleza, la conexión con lo sagrado. En este sentido, la relación de propiedad donde la naturaleza es vista como un recurso es sustituida por el cuerpo-tierra, como una forma de resistencia al sistema colonial opresor. En la visión de cuerpo-territorio, el pueblo Tremembé tiene una conexión espiritual con la naturaleza, en la cual los encantados son sus protectores y las fuerzas que materializan su resistencia a lo largo de los siglos.

Palabras clave: Naturaleza. Cuerpo-tierra. Colonialismo de la naturaleza. Encantados. Torém.

INTRODUÇÃO

O projeto de colonização europeia teve como objetivo a exploração das terras invadidas para produção do capital. Nela a natureza, desconectada do homem, representava e representa até os dias atuais, um recurso a ser explorado e passível de dar lucro, numa tradução clara da colonização da natureza (WALSH, 2012).

Nela os costumes e saberes ancestrais dos povos originários são desconsiderados, descortinando uma linha que distancia os povos do sul, representados pelos povos invisibilizados e oprimidos, dos povos do norte: o centro do conhecimento reconhecido como válido.

Com isso, nos distanciamos por muito tempo da sabedoria ancestral dos povos originários que mostram formas distintas de ver e reconhecer a natureza. Formas essas que reconhecem a natureza como corpo vivo, para eles sagrado, da qual são interdependentes.

Seus saberes ancestrais traduzem a natureza como um só corpo com o qual compartilham saberes e têm um elo espiritual indissociável. A terra para os povos originários é sua base de sustentação e elo com o mundo espiritual. Sua terra é seu território. A natureza, conexão com o sagrado.

Nesse contexto, trazemos à pauta a necessária discussão dos saberes do povo Tremembé, segundo maior povo originário do Ceará e sua relação com a natureza, para que possamos discernir a profundidade de seus saberes, e com eles reconhecermos a natureza como espírito e não como moeda de troca.

Essa é uma pauta emergente, tensionada pela problemática ambiental que circunda o planeta. Com isso, nos é reconhecido que caminhamos para um futuro que traz múltiplos desafios, e encontramos nos povos originários, resposta para esses dilemas.

Desse modo, alguns questionamentos perscrutam essa problemática:

Qual a relação da natureza com a luta pela terra para o povo Tremembé?

Como o meio ambiente e a natureza é vista por eles?

Como seus territórios traduzem suas práticas ancestrais?

Nesse caminho, objetivamos discutir a relação espiritual do povo Tremembé com a natureza, buscando relacionar sua luta pela terra ancestral, compreendendo como seu território traduz suas práticas ancestrais.

Reconhecemos nos saberes ancestrais dos povos originários caminhos possíveis a um manejo mais sustentável da natureza, uma resposta para a problemática ambiental que vivemos e o desconstruir da visão mercantilista que por toda a vida fomos ensinados a ter.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica e documental para discussão teórica sobre colonialidade da natureza (WALSH, 2012), corpo-terra (HAESBAERT, 2020) e encantados (SANTOS, 2014), os quais nos fazem compreender que os elementos da natureza são traduzidos pelo povo Tremembé como partes

do grande corpo da terra em conexão com o homem, parte desse corpo, com quem espiritualmente formam um elo indissolúvel. A terra para o Tremembé é sua base de sustentação e elo com o mundo espiritual. Sua terra é seu território. A natureza, conexão com o sagrado.

Nesse sentido, a relação de propriedade das quais a natureza é vista como um recurso é substituída por corpo-terra, como uma forma de resistência ao opressor sistema colonial. Nessa relação, o povo Tremembé tem conexão espiritual com a natureza, na qual os encantados são seus protetores e forças que materializam sua resistência ao longo dos séculos.

Nossa análise teve como ponto de partida a análise bibliográfica com aprofundamento na literatura indígena Tremembé e análise documental dos decretos de homologação das terras indígenas Tremembé.

A pesquisa com o povo Tremembé é embasada na imersão realizada na disciplina: literatura indígena Tremembé do Curso de Licenciatura Intercultural Canhungá realizado no mês de Outubro de 2025, como base da disciplina do doutorado: Estágio à docência.

Na imersão no território do povo Tremembé, vivenciei momentos importantes como aula de campo, ritual do torém e celebração com os mais velhos(troncos velhos), onde pude aprender e sentir de perto a cultura Tremembé, compreendendo com mais profundidade a cultura indígena do nosso estado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A NATUREZA E A LUTA PELA TERRA: DESAFIOS DO POVO TREMEMBÉ

Nosso país vive há séculos a reprodução de padrões históricos prescritos na estrutura sócio-econômica e política, abrindo a ferida da desigualdade, que cada dia exala novas problemáticas presentes nas relações de poder que persistem no mundo contemporâneo.

O colonialismo viabilizou a exploração nos níveis mais profundos, dentre elas, a predatória exploração do meio ambiente, consolidando a colonialidade da natureza, refletida como instrumento que torna possível o desenvolvimento.

Vista dessa forma, abriu caminhos a uma infinidade de problemáticas que vão desde o desmatamento das matas originárias, queimadas, desgaste do solo, poluição hídrica, a impactos, onde a natureza e os povos tradicionais são diretamente atingidos, e mãe terra pede por socorro.

O passado justifica o presente e o futuro pode até estar distante, mas já nos dão sinais do que está por vir, expressando sinais preocupantes de incerteza e deterioração do que é natural pela valorização do capital, levando-nos a visibilização de um preocupante cenário nacional/internacional.

A colonialidade da natureza é descrita por Walsh como:

[...]la colonialidad cosmogónica de la madre naturaleza y de la vida misma. La que encuentra su base en la división binaria naturaleza/sociedad, descartando lo mágico-espiritual-social, la relación milenaria entre mundos biofísicos, humanos y espirituales – incluyendo el de los ancestros, espíritus, dioses y orishas –, la que da sustento a los sistemas integrales de vida, conocimientos y a la humanidad misma. (WALSH, 2012, p.68).

A colonialidade da natureza, separa o homem da natureza, colocando-a na posição de recurso natural, isso abre caminhos à usurpação dos elementos naturais, presentes no território brasileiro para produção do capital privado.

Essa é uma realidade do tempo presente em nosso país, como se o passado nunca tivesse

largado nossa mão. Como ilustração disso, vemos na atualidade a exploração de terras raras brasileiras, onde o Brasil ocupa a posição de segunda maior reserva do mundo (JORNAL DA USP, 2025).

Avistamos então, a reprodução do que já fora vivido na invasão do território brasileiro pelos europeus séculos atrás. A velha lógica colonial impregna no território brasileiro a exploração dos elementos naturais em sua forma bruta, deixando rastros de destruição ambiental e cultural em cada território explorado. Essa, no entanto, é apenas uma página da conjuntura atual.

Desse modo, trazemos à pauta os saberes dos povos originários do nosso país, com epistemologias fundantes na ancestralidade. Ao contrário da visão exploratória colonial, sua cosmovisão não dissocia o homem da natureza, nem o físico do mundo espiritual.

A terra/território é abrigo de seus ancestrais, neles estão presentes seus parentes, guerreiros e guerreiras que tombaram, assim como os protetores da floresta e das águas. Para eles, antes de tomar banho no rio, na lagoa, antes de caçar, pescar, deve-se pedir autorização à natureza e a seus protetores, sendo a mãe terra: território do sagrado.

Os povos originários a séculos, questionam a lógica mercantilista da natureza do ser colonial, tensionando o pensamento colonial predominante. Essa luta persiste e ganha cada vez mais força, diante dos dilemas ambientais que atualmente vivemos. Esse conhecimento ancestral é repassado de geração a geração por cada povo, conduzindo as decisões do tempo futuro.

Como uma forma de entrecruzar se o passado e o presente, trazemos ao contexto o sincero manifesto do chefe de Seattle, escrito em 1854: “*O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.*” (SEATTLE, 1854, s.p.)”.

Apesar de escrito há 172 anos, são uma retórica do tempo presente. Suas palavras expressam uma resposta ao governo americano da época, numa enfática negativa à venda de seus territórios. Percebemos em suas palavras o homem como parte da biodiversidade, assim, não podiam defender de forma alguma sua própria destruição e de seu **corpo-terra**. Haesbaert define como corpo-terra:

No poema “Naturaleza de Mmá” (a terra), os índios wayuu da região entre a Venezuela e a Colômbia associam montanhas e pedras a ossos, “porque todas las rocas constituyen los huesos de la tierra”, rios, fontes e lagos a “su sangre, sus lágrimas, su savia” e areia e barro a “sus carnes, sus músculos, sus vísceras”. E concluem: *Su seno es cálido como la matriz. Su corazón es fuego. Pero las demás partes de su cuerpo se ocultan a nuestras vistas porque son divinas y no alcanzamos a comprenderlas.* Um texto-poema como esse muitas vezes expressa de modo muito mais denso uma relação – ou condição – que pretendemos compreender: neste caso, a vivência leitura dos povos originários da “terra-território” como corpo. O elo entre território e corpo inclui, de fato, diversas modalidades de (inter)relações e escalas de interpretação[...]“território-corpo (da terra)” – no caso das leituras da terra/Terra como um corpo – ou, mais simplesmente, do caráter ontológico, existencial da terra/Terra como território, prolongamento indissociável do nosso corpo, tal como transmitido pelo mestre wayuu lipuana em seu poema.(HAESBAERT, 2020, p. 81 e 82).

As palavras de Haesbaert traduzem a natureza como corpo, como território, fazendo analogia ao poema: a terra, do indígena wayuu. O poema reconhece a terra como espírito, como vida, não como um recurso a ser explorado.

Os elementos da natureza são traduzidos como partes de um grande corpo da terra em conexão com o homem, parte desse corpo, com quem espiritualmente forma um elo indissolúvel. Nesse sentido, a relação de propriedade das quais a natureza é um recurso é substituída por corpo-terra, como uma forma de resistência ao opressor sistema colonial.

Desse modo, reconhecemos que a preservação dos territórios indígenas e da natureza circundante é uma temática ambiental de real predominância na contemporaneidade.

Reconhecer e aprender com os povos originários é uma proposta de esperança para o tempo presente. Sua visão nos faz ver o sentido real da existência humana e sua relação com a natureza, deixando de limitá-la a meros recursos naturais.

Os povos originários, se reconhecem como parte do corpo da natureza, enfatizando uma visão holística como uma representação de sua conexão a seus territórios sagrados.

Sua visão holística desafia o padrão inconsequente da exploração da natureza pelo homem branco, propondo uma maior proximidade do homem com o corpo da terra, numa busca de assegurar abrigo para seu território, no tempo presente e no futuro.

Desse modo, reconhecer a forma como cada povo vê a natureza é um ponto de desafio, para que possamos encontrar possibilidades para desconstrução da visão colonial mercantilista da natureza. Seus saberes nos permitem o alcance de múltiplas visões e epistemologias, possibilitando o reconhecimento de caminhos outros mais equitativos e horizontais.

O estado do Ceará abriga 56.352 indígenas, 140 povos e 51 línguas originárias faladas atualmente (IBGE 2022), comparado ao censo 2010 esses números triplicaram. O Ceará é o 14º com o maior número de povos originários do Brasil. Sendo o povo Tapeba o que maior número de indígenas possui com 11189 indígenas, seguido do povo Tremembé com 6350 indígenas (IBGE 2022).

E é sobre o povo Tremembé que aprofundaremos nosso conhecimento dos povos originários de nosso estado nas páginas que virão. Segundo maior povo do estado do Ceará, o povo Tremembé está situado no município de Itarema em sua maior parte no distrito de Almofala.

Os Tremembé também estão dispostos nos municípios de Itapipoca, Acaraú e na grande Fortaleza. Segundo Ana Cristina Cabral do povo Tremembé, os Tremembé habitam duas áreas distintas em Almofala, sendo elas:

Os Tremembé de Almofala habitam duas regiões: Mata e Praia, contando com uma população estimada em 3.500 pessoas, distribuída nas seguintes localidades: Barro Vermelho, Lameirão, Saquinho, Curral do Peixe, Panã, Praia, Camboa da Lama, Mangue Alto, Aningas do Mulato, Cabeça do Boi, Passagem Rasa, Urubu, Tapera, Varjota, Batedeira I, Batedeira II, Praia do Caboré e Camondongo. (CABRAL, 2014, p.18 e 19)

O povo Tremembé ocupa boa parte de Almofala, distribuídos em suas aldeias, compartilhando saberes que são repassados de geração a geração. Antes, ocupavam um território bem maior, mas acabaram tomados por posseiros que ampliaram a área de abrangência da cerca, tomando seu território.

Os saberes do povo Tremembé são expressos em seus relatos orais, como instrumentos de luta pela preservação de sua cultura. Para eles, a luta pelo meio ambiente é também a luta pela terra, pelo território do povo Tremembé, a luta pela memória dos seus ancestrais.

A terra para o Tremembé é sua base de sustentação e elo com o mundo espiritual. Sua terra é seu território. A natureza, conexão com o sagrado.

A figura 01, faz uma representação de um momento de manifestação de luta pela terra pelo povo Tremembé:

Figura 01- O Povo Tremembé de Almofala e suas lideranças em audiência pública sob o título: “Povo Tremembé de Almofala: Território, Justiça e Meio Ambiente” diante da iminência do julgamento no TRF5.



Fonte: Lohana Chaves/Funai. Disponível em: [Povo Tremembé de Almofala, no Ceará, luta por demarcação efetiva de seu território | Brasil de Fato](#)

Acesso em: 28/Março 2026

Muitas mudanças ocorreram na cultura do povo Tremembé com a ocupação do homem branco às suas terras, mudanças que vão desde alterações nos elementos naturais às mudanças no território de cada aldeia, levando a diminuição da caça, pesca, assim como redução de espécies nativas outrora abundantes.

A luta pela terra é uma ação constante, fortalecedora da cultura do povo Tremembé, que arduamente resiste à ocupação de seus territórios. Ana Cristina Cabral Tremembé afirma que:

Os antigos Tremembé sobreviviam exclusivamente da caça de animais, da coleta de frutas e da pesca no mar, no lagamar e nas lagoas. Com a destruição causada pela empresa e pelos posseiros, essas fontes de alimentos deixaram de existir. Com isso, os Tremembé sofreram muito, porque seu hábitat natural foi completamente destruído. As caças, as aves e as frutas que lhes serviam de alimentação mais saudável

foram destruídas, e as terras invadidas para plantação de coqueiros e outros empreendimentos, destruindo, assim, as fontes de onde esse povo retirava a maior parte de sua sobrevivência. O sossego que se tinha antes, a partir dessa invasão, deixou de existir. Os espaços que serviam para brincadeiras da criançada passaram a servir de estrada para circulação de veículos que chegavam a toda hora no aldeamento, se apossando da terra. Tudo isso que aconteceu aos indígenas modificou sua vivência desde a sua prática de alimentação, até suas manifestações e demonstrações socioculturais, por ser algo muito discriminado na visão das pessoas de fora. A cultura para o povo Tremembé é símbolo muito forte na luta pela demarcação de sua terra. Com a invasão de sua terra e a discriminação por parte do homem branco, os indígenas deixaram, por um tempo, adormecida a prática de dançar o Torém, porque os invasores sempre criticavam e ainda criticam o modo como os índios se apresentam e também reivindicam seus direitos. Essa negação e crítica dos direitos indígenas não acontece somente com os índios Tremembé de Almofala e sim com todos que se afirmam como índios na Região Nordeste. Alguns índios do aldeamento de Almofala acabaram indo para outras regiões, numa migração que aconteceu como deslocamento forçado, devido à perseguição e dificuldades causadas pelos invasores, sendo que, nos lugares que passaram a habitar, não se identificavam como índios. (CABRAL, 2014, p.21 e 22).

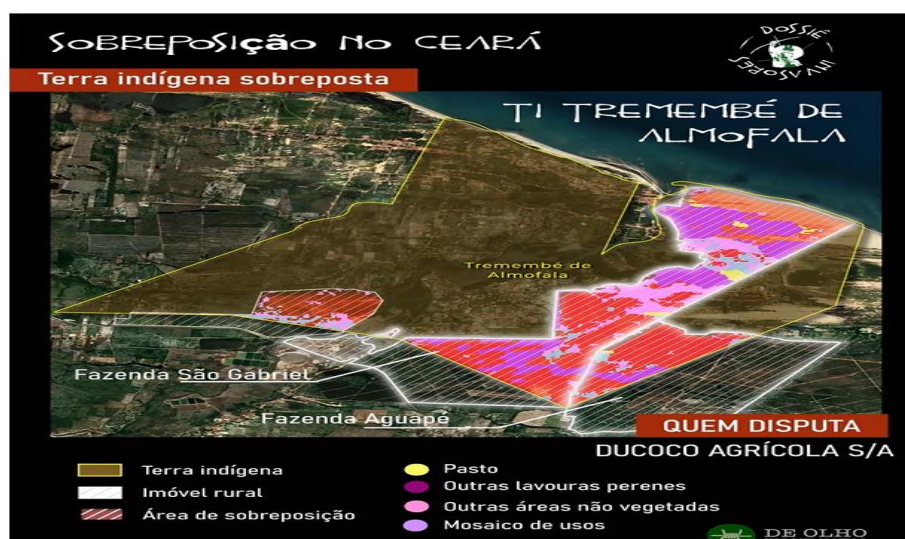
A cultura do povo Tremembé tem na luta pela demarcação de suas terras, ponto de grande importância cultural, fortalecedora da memória de seu povo. O povo Tremembé teve suas terras doadas em 1857, mas foram gradativamente perdendo parte de suas terras para latifundiários, que desrespeitosamente foram usurpando as terras originais do povo Tremembé. (POVOS ORIGINÁRIOS NO BRASIL/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2025).

A luta pela terra indígena Tremembé e os persistentes conflitos agrários, intensificaram-se com a chegada da Ducoco às suas terras em 1979.(JORNAL DE OLHO NOS RURALISTAS/OBSERVATÓRIO DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL/2023).

A empresa sobrepôs ilegalmente áreas indígenas significativas para implantação da monocultura do coco, gerando conflitos intensos que persistem nos dias atuais, aguardando uma resposta judicial que dê uma resposta favorável/justa ao povo Tremembé.

A figura 02, nos possibilita visualizar a sobreposição da empresa Ducoco nas terras indígenas Tremembé:

Figura 02- Mapa de sobreposições da terra Tremembé pela empresa Ducoco.



Fonte: FIALHO; MORAIS (2023)

A figura mostra claramente a sobreposição das fazendas São Gabriel e Aguapé, de propriedade da Ducoco, nas terras indígenas Tremembé. Fazendas de coqueiros ocupam o território, muitos desses limitando a passagem dos indígenas a lugares que antes pescavam, plantavam, até mesmo moravam.

Ao tomar posse das terras indígenas, a primeira ação da empresa foi a expulsão dos indígenas que ocupavam a área, ou seja, os habitantes da aldeia Tapera, levando a muitas perseguições e violações dos direitos do povo Tremembé.

A ocupação impactou substancialmente a paisagem dos territórios indígenas, substituindo a mata nativa por coqueirais, destinados à fábrica *Ducoco*, além do impacto nas terras e lençol freático indígenas pelo uso indiscriminado de agrotóxicos pela referida empresa.

A fábrica Ducoco, também trouxe impactos sócio-ambientais e conflitos territoriais significativos ao povo Tremembé tais como redução das áreas de agricultura familiar e poluição.

O ano de 2003 foi um marco importante para o povo Tremembé, pois a Terra Indígena Tremembé Córrego do João Pereira foi a primeira a ser homologada no Ceará pelo governo Lula de acordo com o decreto nº 1775 (BRASIL, 2003). A terra indígena Barra do Mundaú também foi homologada pelo decreto nº 11506 em 2023 (BRASIL, 2023) e a terra indígena Tremembé de Queimadas foi homologada pelo decreto nº 12584 em 2025. (BRASIL, 2025).

A luta persiste; Apesar das perdas do povo Tremembé, sua resistência alicerçada na luta pela terra e ações afirmativas, trouxeram ganhos significativos para seu povo, fortalecendo cada vez mais a resistência desse povo à invasão do homem branco.

Ao contrário das práticas do homem branco, o povo Tremembé cultiva o profundo cuidado à natureza, a terra e o mar, realizando a pesca artesanal, agricultura de subsistência, além da gestão indígena em suas aldeias, o que favorece o fortalecimento cultural.

Sua conexão espiritual à mãe-terra é uma manifestação de seus saberes, expressas na oralidade e em sua literatura indígena. Na aldeia encontraremos a presença ancestral dos saberes repassados de geração a geração pelos mais velhos. Na escola indígena, essa também será uma presença constante, o que possibilita a interculturalidade de saberes.

Seus territórios abrigam essa forte representação do mundo espiritual e seu vínculo à mãe terra, seu território fala da natureza e ancestralidade Tremembé. São uma dessas representações significativas: o Lagamar, que para os mais velhos do povo Tremembé é chamado de pai e mãe, tirando desse lugar sagrado sustento para suas famílias.

O LAGAMAR: MÃE E PAI DO POVO TREMEMBÉ

Vamos conhecer um pouco mais sobre o Lagamar do povo Tremembé?

O que ele simboliza para eles?

Para entendermos, trazemos uma canção e figura que claramente descreve a lagoa da Camboa/ lagamar do povo Tremembé:

A LAGOA DA CAMBOA

A camboa é a água do rio
quando o rio se encontra com o mar
a camboa é uma água salobra,

como a lágrima do meu penar
água salobra, água do mar
são lágrima do meu penar.
O mirim, quando foi pro Torrões
Pelo morro enterrado ficou
Como eu quando estou nos teus braços.
No aconchego do mesmo calor.
(GUILHERME, FELIX, JACINTO, 2014, p. 10)

Figura 03 - Rio Aracatimirim



Fonte: GUILHERME, FELIX, JACINTO (2012). Disponível em:
https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20778/1/2014_liv_jrguilherme.pdf.
Acesso em: 29/Março 2026.

A música representa a cultura Tremembé, num simbólico encontro do rio Aracatimirim com o mar. A camboa representa esse momento de encontro, retratando as “lágrimas do meu penar” como uma metáfora à “água salobra” enfatizada na letra da canção.

Nos últimos versos: “*Como eu quando estou nos teus braços. No aconchego do mesmo calor*” podemos sentir a ênfase do eu lírico, a considerar o rio como abrigo, auxílio e proteção,

envolto em um sentido espiritual e proximal.

A canção expressa a relação espiritual do povo Tremembé com o rio, com o Lagamar, onde a letra da canção simbolicamente enfatiza o aproximar das lutas Tremembé com o contorno do rio.

Seguindo o mesmo pensamento dos meandros do rio Aracatimirim/Lagamar, vamos ao encontro do pensamento do povo Tremembé nas narrativas expressas em sua literatura expressas por Guilherme, Félix e Jacinto sobre o que para eles o Lagamar simboliza:

Lagamar e mangue são um só, só que o mangue dá origem à fauna e flora, e o lagamar é o que faz com que essas partes se sintam em harmonia e ar fresco. O mangue é, sobretudo, a fonte de riqueza mais viva do lagamar, pois ele é vida e a vida nessa vida. Para muitos, o mangue prejudica a pescaria no lagamar, pois impede o lancear da tarrafa. Para outros, o lagamar veio para ajudar a ter mais qualidade de vida na vida dos Tremembé. Para outros de nós, o lagamar é uma parte do rio que fica entre as croas (parte seca do lagamar, terra que emerge formando pequenas elevações) e os manguezais (são os berçários para os peixes, esconderijos, pois que lá se escondem dos pescadores). Para outro, o lagamar é parte do rio onde suas margens são bem mais largas do que os canais normais. Tem comunidade que o chama de lagamar e outras que o denominam de rio...O lagamar se caracteriza por essa área que circunda o rio Aracatimirim. Ou seja, às margens do rio, temos o surgimento de um ecossistema que podemos aqui denominar de mangue, bastante associado à mistura de água salgada com a água doce e uma vegetação muito específica e uma fauna bem peculiar. Este lugar no qual o lagamar se instala é o mangue. O lagamar seria a área líquida, úmida, do mangue. Com base nos depoimentos, surge a ideia de que o lagamar nasce a partir da necessidade de as famílias se alimentarem, o que levou o povo a abrir as veredas para chegar ao rio. Como na Varjota tinha mais gente e ficava bem próximo ao rio, os pais de famílias iam pescar, levavam foice e machado para arrancar o mato e poder lancear, ou seja, jogar a tarrafa na água e puxar os peixes, por isso, ficou conhecido como lagamar. Água salgada ajudava a matar os matos. Já a Tapera ficava um pouco distante do lagamar e próxima à barra de Torrões, canal estreito que acessa o porto de Torrões. Quando a empresa Ducoco, uma empresa que comercializa cocos e está dentro da área da comunidade Tremembé, chegou, expulsou os moradores pra bem perto do rio. É por isso que, enquanto a comunidade de Tapera chama o lagamar de rio, a da Varjota chama de lagamar. (GUILHERME, FELIX, JACINTO, 2014, p. 19,20, 21).

Suas narrativas expressam o Lagamar como área que circunda o rio Aracatimirim, envolto pelo mangue, numa tradução de múltiplas simbologias, sendo considerado a natureza presente na aldeia, na vida do povo Tremembé. Como pai e mãe que cuidam, o rio traz em seu contorno, alimento para o povo Tremembé em sua pesca artesanal.

O povo Tremembé reconhece o Lagamar e o mangue como um único corpo, onde cada um executa funções significativas: o mangue faz germinar a fauna e a flora, e o Lagamar liga cada uma das partes em uma perfeita harmonia com o corpo da terra. Para o povo Tremembé, o mangue representa a fonte de riqueza mais viva do lagamar, pois ele é vida e a vida nessa vida.

O Lagamar é lugar de memória ancestral: território do sagrado. Para o povo Tremembé, é morada dos encantados, vital à memória ancestral.

Mas, o que são os encantados para o povo Tremembé?

Segundo a docente Andreína Santos Tremembé, os encantados são:

Os Encantados fazem parte da nossa história desde os nossos antepassados e que muito temos a aprender com eles e mais a conviver com eles. Aprendi com o cacique João que os Encantados se apresentam de duas formas: Encantados vivos e Encantados mortos. Os Encantados mortos são espíritos de pessoas que já morreram, mas que, de certa forma e em alguns momentos, continuam a transitar em nosso meio (sendo percebidos principalmente quando sentimos frio e arrepios inesperados e sem razão). Os Encantados vivos, por sua vez, são pessoas que não morreram, mas foram encantadas por fadas ou outros Encantados em algum momento de suas vidas. Estes, quando se aproximam de alguém, passam uma energia quente. Com o pajé Luiz, aprendi que todos nós seríamos Encantados, ou seja, em cada um de nós existiria o dom de encanto, sendo que a questão é como cada um desenvolveria esse dom, ou ainda, nunca desenvolveria esse dom durante sua vida porque tem medo ou desconhece fatos que se referem a esse assunto. De acordo com as nossas crenças, os Encantados são bem reais, mas, segundo os mais velhos, não é todo mundo ou qualquer pessoa que pode ver ou sentir a presença de um deles, mas, de acordo com muitas histórias vividas, experiências e relatos, todos esses já apareceram de alguma forma para muitas pessoas. Parece até que isso aconteceu ou acontece para provar as suas existências. Por essas provas, eles podem aparecer de diferentes formas e em lugares de acordo com a sua caracterização de poder ou proteção de certo espaço na natureza.(SANTOS, 2014, p. 31 e 32)

Os encantados são o entrelaçar da natureza com o sagrado, dos povos originários com a essência da natureza, em um ir e vir espiritual, de plena conexão com o cosmos. As narrativas do povo Tremembé os descrevem como seres que protegem as matas e as águas, podendo ter formas diversas.

Nas narrativas da Tremembé Andreína: “Os Encantados são parte da nossa natureza”(SANTOS, 2014, p. 58), no entanto é enfatizado pela mesma que são muitas as formas de reconhecimento dos encantados pelo povo Tremembé, assim como distintas as funções de cada um. A figura 04 representa um pouco dessa expressão espiritual em um momento de celebração, em contato com os encantados:

Figura 04 - Manifestação cultural tradicional do Povo Tremembé da Barra do Mundaú em celebração e agradecimento à colheita dos frutos murici e batiputá, que representam alimento e cura.



Fonte: Francisco Barbosa. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20778/1/2014_liv_jrguilherme.pdf.

Acesso em: 29/Março 2026.

A imagem retrata a expressão do contato com o sagrado, momento de grande relevância. A água do rio possibilita esse contato mais próximo com os encantados, em agradecimento à colheita, em celebração às vitórias alcançadas.

Desse modo, o povo Tremembé corporifica a natureza em uma proximidade com o sagrado. Ela é uma expressão do sagrado, do elo que fortalece o povo e a ancestralidade Tremembé.

Essa aproximação com o sobrenatural é expressa nos momentos de **torém**, “*ritual sagrado dos Tremembé de Almofala, com músicas e danças próprias*”(SANTOS, 2014, p. 21). No chamado da maraca, o ritual sagrado do povo Tremembé reinicia, nele os encantados são evocados, e com os pés no chão, em forma circular o povo Tremembé se conecta com a natureza.

Quem teve a oportunidade de participar do momento do torém, pôde sentir o amplo vínculo da natureza com o espiritual, do qual cada ser humano é parte.

Na figura 05 podemos ver uma imagem na qual ocorre o momento do torém, com o povo Tremembé em celebração e ritualização com o sagrado, acompanhado de uma das canções que está presente nesse ritual:

Canção do ritual do torem
E não tem ri que eu num atrevesse
Não tem camim que nós não ande
Não tem pau que eu não arranque
Não tem pedra que eu num quebre
E nem tem mal que nós não cure
Viemo lá das cachuera
Com a força da natureza
Os encantado nos mandou
Viemo aqui fazer limpeza.

Fonte: Povo Tremembé/2025

Figura 05- Momento de realização do ritual sagrado: torém, no curso de licenciatura Intercultural Tremembé Canhungá.



Fonte: autora. 15 out. 2025.

A canção expressa nos cinco primeiros versos: *E não tem ri que eu num atrevesse. “Não tem camim que nós não ande. Não tem pau que eu não arranque. Não tem pedra que eu num quebre. E nem tem mal que nós não cure”*; representa a força e resistência do povo Tremembé, que ultrapassou a barreira do tempo e venceu inúmeros desafios na luta por seu território.

Seus costumes ancestrais expressos na medicina tradicional (pajelança), que encontra na natureza respostas medicinais, estão presentes ao afirmar que “não tem mal que nós não cure”;

Nos quatro últimos versos: *Viemo lá das cachuera. Com a força da natureza. Os encantado nos mandou. Viemo aqui fazer limpeza*; Vemos a expressão da conexão espiritual

com a natureza, como um elo de fortalecimento do povo Tremembé, reconhecendo na natureza sua força ancestral. Também vemos os encantados expressos como corpos espirituais protetores, presentes em seu território.

A limpeza que aqui é citada, tem sua expressão no tocar dos pés no solo, sentindo a energia da mãe terra em vibração com cada passo, purificando os corpos indígenas. A presença dos encantados é invocada, trazendo fortalecimento para as lutas a serem vividas por seu povo.

Assim podemos ver que a canção do ritual do torém é uma expressão da sabedoria ancestral do povo Tremembé. Falando de seus costumes, sua força, sua ancestralidade, fortalece a luta de seu povo. São a tradução de seus saberes e práticas culturais. São um elo de ligação com os encantados, numa expressão da força da natureza em seus corpos indígenas.

A imagem mostra esse momento de ritualização, de proximidade com o cosmos, com seus encantados, com sua sabedoria ancestral.

Desse modo, a sabedoria ancestral indígena se entrecruza com a natureza, reconhecendo nos seus encantados um elo sagrado para a resistência de seu povo, dessa forma representam um só corpo com corpo da terra, e com ela conectados, sua força é reativada.

4 CONCLUSÕES

A colonização impressa no sistema-mundo colonial deixou marcas expressivas na natureza e na cultura dos povos originários. Os povos originários se reconhecem como natureza, em controvérsia a forma ocidental capitalista que vê na natureza fragmentada como um recurso a ser explorado.

Para o povo Tremembé os elementos da natureza são traduzidos como partes do um grande corpo da terra em conexão com o homem, com quem espiritualmente forma um elo indissolúvel. Nesse sentido, a relação de propriedade das quais a natureza é um recurso é substituída por corpo-terra, como uma forma de resistência ao opressor sistema colonial.

Seus territórios abrigam essa forte representação do mundo espiritual e seu vínculo à mãe terra, seu território fala da natureza e sua ancestralidade.

Os encantados são o entrelaçar da natureza com o sagrado, dos povos originários com a essência da natureza, em um ir e vir espiritual, de plena conexão com o cosmos.

REFERÊNCIAS

BRASIL POSSUI A SEGUNDA MAIOR RESERVA DE TERRAS RARAS DO MUNDO. Jornal da USP: Campus Ribeirão Preto, 14 Ago/2025. Disponível em: [Brasil possui a segunda maior reserva de terras raras do mundo – Jornal da USP](#). Acesso em: 26 Mar.2026.

BRASIL.Decreto de 28 de abril de 2023. Homologa a demarcação administrativa da terra Tremembé da Barra de Mundaú, localizada no município de Itapipoca, Estado do Ceará. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 abr/ 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12584.htm. Acesso em: 29 mar. 2026.

BRASIL.Decreto de 5 de maio de 2003. Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Córrego João Pereira, localizada nos Municípios de Itarema e Acaraú, no Estado do Ceará. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 mai/ 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/2003/Dnn9869.htm. Acesso em: 29 mar. 2026.

BRASIL. Decreto de 6 de agosto de 2025. Homologa a demarcação administrativa da terra Tremembé de Queimadas, localizada no município de Acaraú, Estado do Ceará. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 ago/ 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12584.htm. Acesso em: 29 mar. 2026.

CABRAL, Ana Cristina. FILHO, José Mendes Fonteles. **História dos Tremembé**: memórias dos próprios índios. Organizador: José Mendes Fonteles Filho. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Magistério Pé no chão. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20403/1/2014_liv_jmfontelesfilhohistoriaostememb%C3%A9.pdf. Acesso em: 26 Mar.2026.

FIALHO, Tonsk; MORAES, Katarina. Com pé nos Estados Unidos, Ducoco protagoniza conflito com indígenas no Ceará. De olho nos ruralistas/Observatório do agronegócio no Brasil. 2023. Disponível em: [Com pé nos Estados Unidos, Ducoco protagoniza conflito com indígenas no Ceará - De Olho nos Ruralistas](#). Acesso em: 29 mar.2026.

GUILHERME, José Robério; FÉLIX, Maria Joelma; JACINTO, Maria Lucélia. **O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera**. Org: José Mendes Fonteles Filho. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Acesso em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20778/1/2014_liv_jrguilherme.pdf. Disponível em: 28 mar.2026.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da Terra)**: Contribuições decoloniais. GEOgraphia, Niterói, v. 22, n. 48, p. 75-92, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100>. Acesso em: 30 mar. 2026.

POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA, NO CEARÁ, LUTA POR DEMARCAÇÃO EFETIVA DE SEU TERRITÓRIO. Brasil de fato, CE. Fortaleza, 10 out/2025. Disponível em: [Povo Tremembé de Almofala, no Ceará, luta por demarcação efetiva de seu território | Brasil de Fato](#). Acesso em: 28 mar.2026.

SANTOS, Maria Andreína dos. FILHO, José Mendes Fonteles.(Org). **Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em: [narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados](#). Acesso em: 29 mar. 2026.

SEATTLE, Chefe. **Carta do Chefe Seattle**. Disponível em: www.dhnet.org.br. Acesso em: 25 mar. 2026.

VALLE, Carlos Guilherme. Tremembé. Povos Indígenas do Brasil/ISA. 2021. Disponível em: [Tremembé - Povos Indígenas no Brasil](#). Acesso em: 29 mar.2026.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad**: Perspectivas críticas y políticas. *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412>. Acesso em: 30 mar. 2026.